

LUTO ENQUANTO PERFORMANCE POLÍTICA: O PAPEL DA REPRESENTAÇÃO DA MORTE DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL.

Palavras-Chave: Pandemia COVID-19, Luto, Intervenções artísticas

Autores/as:

Helena Faria Oliveira Santos, IFCH, UNICAMP

Prof.^(a) Dr.^(a) Taisa Helena Pascale Palhares, IFCH, UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Partindo da constatação de que a brutalidade da Pandemia da COVID-19 se manifestou não apenas na dimensão numérica das fatalidades, mas também na interrupção forçada dos velórios, sepultamentos e rituais religiosos, esta pesquisa investigou a contribuição da suspensão de práticas culturais de despedida no rompimento dos laços comunitários. Constatando que essa suspensão, decorrente de um protocolo profilático, desarticulou as redes simbólicas que estruturam a experiência da perda no âmbito coletivo – criando, assim, a condição de um luto suspenso –, este trabalho analisa como a normalização da indiferença diante de mortes consideradas não-enlutáveis sustenta estratégias necropolíticas. Nesse sentido, analisa-se também o papel da exteriorização coletiva do luto por meio da performance, tomando como objeto as intervenções artísticas da ONG Rio de Paz, realizadas entre 2020 e 2021. A hipótese que orienta esta pesquisa é que essas intervenções, ao performar os ritos fúnebres, funcionaram como contra-

enquadramentos capazes de instaurar dissenso no regime normativo vigente, de dessensibilização política, e, ao reinscrever vidas precarizadas no espaço público, estabeleceram um campo de disputa estética e ética. Para sustentar essa análise, foram mobilizados autores como Judith Butler, Emmanuel Levinas, Jacques Rancière, Achille Mbembe e Susan Sontag, articulados num argumento de três eixos interdependentes: a vulnerabilidade e o reconhecimento no campo ético; o enquadramento e a redistribuição do sensível na estética; e o luto como elemento chave na gestão de mortes da necropolítica.



Figura 1 – Homem cavando cova na areia – fonte: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1669233178554500-ong-rio-de-paz-abre-covas-na-praia-de-copacabana-para-macar-as-mortes-causadas-pelo-coronavirus>

METODOLOGIA:

A pesquisa adotou uma metodologia qualitativa, baseada na interpretação crítica dos registros das intervenções da ONG Rio de Paz, em diálogo com o contexto de sua emergência à luz do referencial teórico. Como ponto de partida, realizou-se um levantamento de conceitos fundamentais para compreender os vínculos entre luto, ética, política e estética, a partir de autores centrais no debate contemporâneo. Essa etapa permitiu construir um arcabouço conceitual envolvendo noções como precariedade, enquadramento, alteridade e partilha do sensível.

Inicialmente, a metodologia previa a realização de entrevistas com participantes e organizadores das intervenções. No entanto, essa estratégia foi reavaliada diante da constatação de que a dimensão conceitual da pesquisa, somada à análise estética, era suficiente para responder à questão proposta.

Dessa forma, o corpus empírico analisado consistiu em registros fotográficos das intervenções da ONG Rio de Paz realizadas entre 2020 e 2021. Entre essas ações estavam instalações compostas por cruzes, valas abertas, bandeiras do Brasil e lenços brancos. Também foi considerada, na análise, a interação registrada de dois senhores com a instalação das cruzes, incluindo a entrevista concedida por um deles.

Para além da conceituação e da análise, a contextualização necessária à compreensão



Figura 2 – Lenços brancos em homenagem aos 600 mil mortos no Brasil. fonte:

<https://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/2021/10/lencos-brancos-no-rio-fazem-homenagem-aos-600-mil-mortos-da-covid.shtml>

das instalações foi realizada com base em matérias jornalísticas sobre as ações da ONG; em dados e diretrizes presentes no site da Organização Mundial da Saúde (OMS) e sites derivados; bem como em artigos de pesquisadores brasileiros que investigaram o luto no contexto da pandemia.

Esse processo incluiu a elaboração de fichamentos, discussões com colegas e ensaios parciais que ordenaram a teoria, orientando a redação final da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A análise das intervenções da ONG Rio de Paz como representações públicas da morte durante a pandemia de Covid-19, evidenciou o luto como uma prática política e performativa. A pandemia escancarou um regime de distribuição desigual da morte, no qual o Estado brasileiro não apenas se omitiu diante da catástrofe sanitária, mas também atuou ativamente na produção de enquadramentos que desumanizavam os

sujeitos vulneráveis à infecção. O negacionismo institucional operou como política de apagamento: os corpos foram transformados em resíduos estatísticos e a perda coletiva foi inviabilizada como experiência sensível e reconhecível. Ou seja, a necropolítica instaurou condições para que determinadas mortes não fossem sequer passíveis de luto.

Neste contexto, a suspensão dos rituais fúnebres e das práticas de despedida afetou profundamente a elaboração subjetiva da perda. Com a interrupção dos dispositivos simbólicos e comunitários que tradicionalmente orientam o trabalho de luto, instaurou-se uma temporalidade suspensa, marcada pela solidão e pela espera. A ausência do corpo e da cerimônia rompeu o encadeamento simbólico necessário para a inscrição da morte na experiência social, produzindo um sofrimento em estado bruto — uma dor que, sem linguagem e sem moldura coletiva, corre o risco de permanecer como trauma inassimilado.

É nesse cenário que as performances políticas ganham centralidade. As intervenções da ONG Rio de Paz reinscreveram os mortos no espaço público. Com cruzes negras fincadas na areia, valas abertas em plena praia de Copacabana, panos brancos ao vento, e bandeiras do Brasil ao chão, dispostas como mortalhas: a paisagem nacional é um sepulcro. Esses gestos simbólicos reativaram a potência do luto como linguagem coletiva. Ao deslocar o luto da intimidade para o campo visível comum, tais performances não apenas denunciaram o silêncio do Estado, mas também criaram um enquadramento capaz de dimensionar as perdas e a catástrofe na memória nacional.

A exposição pública da morte, quando articulada de modo ético e sensível, convoca o enlutamento como processo compartilhado. As imagens produzidas por essas intervenções, portanto, não operam como espetáculo, mas como interpelações que atravessam quem as contempla. Através desse contato, emerge uma apreensão da perda na esfera ética — a memória que não busca encerrar o luto, mas abre-se à alteridade e à inquietação diante daquilo que foi politicamente desautorizado. Sustentar a presença da ausência, nesse caso, torna-se um ato de responsabilidade coletiva.

Por fim, ao tornar-se linguagem comum, o luto adquire potência de reconfiguração dos laços sociais. Ele denuncia os limites do reconhecimento instituído, tornando visível a exclusão de determinadas vidas do campo da dignidade e da memória. Enlutar os outros, nesse sentido, é também insurgir: ao contestar os enquadramentos normativos que definem quem merece ser lembrado, fundam-se possibilidades outras de pertencimento e comunidade. A dor compartilhada não une por semelhança, mas pela exposição mútua à perda e pela recusa em aceitar o apagamento como destino.



Figura 3 – Covas abertas em Copacabana – fonte: https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1669233178554_500-ong-rio-de-paz-abre-covas-na-praia-de-copacabana-para-marcas-as-mortes-causadas-pelo-coronavirus

CONCLUSÃO:

Ao longo desta pesquisa, percebi que a dimensão simbólica do luto ultrapassa o campo privado da dor individual. Diante de um contexto de necropolítica, em que vidas foram tratadas como descartáveis e a morte como ruído estatístico, tornou-se evidente que o gesto de enlutamento pode funcionar como contra-discurso, como linguagem capaz de restaurar sentidos éticos e políticos diante do apagamento. Ao me debruçar sobre os registros das intervenções, compreendi que essas performances não apenas homenageavam os mortos e denunciavam a má gestão governamental, mas também reconstruíam a própria noção de uma vida passível de ser enlutada. As imagens ali produzidas não se limitavam a informar ou sensibilizar, no sentido comum da palavra: elas interpelavam, à medida que forçavam a presença da ausência e convocavam à responsabilidade por meio dessa apreensão incômoda. Enlutar é o ato de afirmar que uma vida importa e, ao fazê-lo, contestar os enquadramentos normativos que sustentam a exclusão. O luto, portanto, se revelou não apenas como afeto, mas como ação: uma prática coletiva que insiste na dignidade da vida mesmo depois da morte. Na imagem abaixo é possível ver com clareza os principais núcleos conceituais que sustentam a análise:





BIBLIOGRAFIA

- BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: Quando a vida é passível de luto?**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.
- _____. **Que mundo é este? Uma fenomenologia pandêmica**. 1ª ed. Autêntica, 2022.
- _____. **Vida Precária: Os poderes do luto e da violência**. 1ª ed. Autêntica, 2019
- LEVINAS, Emmanuel. **Entre nous: Essays on Thinking-Of-The-Other**. 1ª ed. Columbia University Press, 2000.
- _____. Emmanuel. **Violência do Rosto**. 1ª ed. Edições Loyola, 2014
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 1ª ed. N-1 Edições, 2018.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: Estética e Política**. 2ª ed. Editora 34, 2009.
- RODRIGUES, Carla. **O luto entre clínica e política: Judith Butler para além do gênero**. 1ª ed. Autêntica, 2021.
- SONTAG, Susan. **On Photography**. 1ª ed. Farrar, Straus and Giroux, 2011.
- _____. Susan. **Regarding the Pain of Others**. 1ª ed. Farrar, Straus and Giroux, 2013.
- FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. 1ª ed. Cosac & Naify, 2012.
- _____. **Tempos de Guerra e Morte**. 1ª ed. Nova Fronteira, 2021.